



O QUE FAZEM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS NA “HORA ATIVIDADE”

Paula Pires da Silva;
Cleuza Maria Sobral Dias.
Suzane da Rocha Vieira Gonçalves.

RESUMO

Este artigo apresenta parte de um estudo que teve como objetivo compreender como se organizam os espaços e os tempos coletivos da Hora-Atividade de um grupo de Professoras Alfabetizadoras de uma Escola Municipal na cidade do Rio Grande- RS. A pesquisa se inseriu no campo qualitativo e realizou observações no contexto escolar e entrevistas semiestruturadas com o grupo de professoras alfabetizadoras. Os dados revelaram que a Hora-Atividade é valorizada pelas docentes, embora haja muitos aspectos a serem qualificados, relatam que, a partir deste, conseguem partilhar com seus pares os saberes de sua experiência, atribuindo a estes momentos uma grande importância para o seu fazer cotidiano, percebendo-o como um lugar de luta e de conquista da categoria, que colabora para o desenvolvimento pessoal e profissional delas.

Palavras-chave: Professoras Alfabetizadoras; Hora-Atividade; Fazeres docentes

WHAT DO LITERACY TEACHERS DO IN THE “ACTIVITY TIME”

ABSTRACT

This paper presents part of a study that aimed to understand how the collective spaces and times of Hora-Activity are organized by a group of Literacy Teachers from a Municipal School in the city of Rio Grande-RS. The research was inserted in the qualitative field and made observations in the school context and semi-structured interviews with the group of literacy teachers. The data revealed that the activity time is valued by the teachers, although there are many aspects to be qualified, they report that from this they are able to share with their peers the knowledge of their experience, attributing to these moments, a great importance for their daily activities, perceiving it as a place of struggle and conquest of the category, which contributes to their personal and professional development.

Keywords: literate teachers; Activity time; Teaching knowledge

QUÉ HACEN LOS PROFESORES DE ALFABETIZACIÓN EN EL "TIEMPO DE ACTIVIDAD"

RESUMEM

Este artículo presenta parte de un estudio que tuvo como objetivo comprender cómo los espacios y tiempos colectivos de Tiempo de Actividad están organizados por un grupo de maestros de alfabetización de una escuela municipal en la ciudad de Rio Grande-RS. La investigación se insertó en el campo cualitativo y realizó observaciones en el contexto escolar y entrevistas

semiestructuradas con el grupo de profesores de alfabetización. Los datos revelaron que el tiempo de actividad es valorado por los docentes, aunque hay muchos aspectos que deben calificarse, informan que a partir de esto pueden compartir con sus compañeros el conocimiento de su experiencia, atribuyendo a estos momentos, una gran importancia para sus actividades diarias, percibiéndolo como un lugar de lucha y conquista de la categoría, lo que contribuye a su desarrollo personal y profesional.

Palavras-clave: Maestros de alfabetización; Tiempo de actividad; Actividades de enseñanza

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma pesquisa que se atentou a compreender como se organizam os espaços e os tempos coletivos da Hora-Atividade na Escola de um grupo de Professoras Alfabetizadoras de uma escola pública, situada no município do Rio Grande- RS.

O interesse por investigar o tema da Formação Continuada, com um olhar voltado para os professores Alfabetizadores e tendo a Escola como o *lócus* central, especificadamente, a Hora Atividade do professor se justificou pelo fato de que a formação continuada de professores, atualmente, requer novas alternativas, no sentido de buscar espaços e tempos, também, dentro da escola, que oportunizem aos mesmos mobilizarem seus saberes e fazeres de forma coletiva e engajada na busca por estratégias que incidam na resolução das suas problemáticas cotidianas.

Precisamos de projetos que vislumbrem propostas alternativas de formação continuada. Que atendam às subjetividades dos professores, e lhes oportunizem construir e (re)construir essa identidade no coletivo. Acreditamos na necessidade de ações formativas que tenham a escola como lugar central, não querendo descaracterizar a importância que também tem os outros espaços formativos oportunizados para os professores. Quando defendemos a formação na escola, apoiamo-nos nas palavras de Nóvoa (1992, p.26), quando diz que a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando.

A investigação realizada seguiu uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2010), busca responder a questões muito particulares. A pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e

atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Levando em consideração as características da abordagem qualitativa, é que desenvolvemos o estudo. Procuramos nos deter aos dados que dizem respeito ao cotidiano escolar das professoras, bem como compreender os significados atribuídos a este espaço pelas agentes docentes envolvidas. Foi possível, ainda, a partir da aproximação da realidade, bem como emaranhar-me no cotidiano formativo das alfabetizadoras, buscando dados e elementos que fugiram do mensurável, dando vida ao que buscávamos encontrar.

Seguindo esta perspectiva, a investigação teve como sujeitos seis Professoras Alfabetizadoras de uma Escola Pública Municipal na cidade do Rio Grande – RS. Acreditando no espaço e sabendo do potencial real que este tem, utilizou-se, como cenário desta pesquisa, os encontros da Hora-Atividade. Delimitamos o estudo apenas nesta escola, pois esta já havia constituído, em seu cotidiano, práticas formativas que oportunizem este processo aos seus professores no momento da Hora-Atividade.

No processo de investigação e produção dos dados, foram escolhidas duas estratégias metodológicas, as observações dos encontros das professoras no espaço da Hora-Atividade e as entrevistas com elas acerca dos processos formativos vivenciados na escola e fora dela. As observações foram registradas em Diário de Campo. A análise dos dados buscou compreender como aconteciam as formações continuadas no tempo/espaço da hora da atividade, bem como a percepção das professoras acerca das atividades realizadas durante a hora atividade.

O TEMPO/ESPAÇO DA HORA-ATIVIDADE

Hora-Atividade é o tempo que o professor tem destinado para a elaboração de estudos, planejamento e avaliação, incluído na sua carga horária de trabalho. As atividades realizadas, neste tempo/espaço, devem ser, prioritariamente, realizadas com seus pares, acompanhadas e planejadas pelo(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) da Escola. Não é uma prática solitária de planejar, estudar e corrigir avaliações, é um planejar e agir em conjunto.

A Hora-Atividade está amparada pela Lei nº 11.738/08, conhecida como a Lei do Piso Salarial, que estabelece carga horária máxima para atividade na classe de 2/3 e extraclasse (Hora-Atividade) de 1/3 para cada 20 horas, e, ainda, fixa o piso nacional para os professores da educação básica. No Município do Rio Grande, conforme a Secretaria de

Município da Educação, nem todos os professores possuem, na prática, o direito a esse 1/3 na carga horária. Atualmente, cerca de 60% das escolas da Rede Municipal oferecem Hora-Atividade para seus docentes, isso porque, para tal realização, as instituições necessitam de Recursos Humanos que atendam aos estudantes, realizando atividades diversificadas no período em que o professor está cumprindo suas atividades extraclasse.

O fortalecimento de políticas que apoiem e valorizem o trabalho do professor para além de melhorias estruturais é condição imperiosa na atualidade. Necessitamos de iniciativas que qualifiquem a formação dos professores em serviço, dando suporte para que consigam, de fato, dar conta de todo seu complexo ato educativo. A Lei do Piso, amparada em outras legislações maiores, como a Constituição Nacional e a LDB/96, caminha para este movimento de qualificação e prevê, através da Hora-Atividade, espaços de trabalho pedagógico coletivo, em que o professor interage com seus pares e com os demais segmentos da comunidade escolar, todos contemplados dentro da jornada de trabalho, já que são partes inerentes do profissional da Educação.

O Parecer do CNE nº 18/2012 elabora um reexame do Parecer CNE/CEB nº 9/2012, que trata da implantação da Lei nº11.738/2008, que institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Neste novo documento, ele discorre sobre as especificidades da ação docente, do trabalho desempenhado pelo professor, do seu adoecimento, das condições de trabalho, passando pela valorização deste profissional e pela qualidade de ensino.

O Parecer contribui na compreensão da implementação destas atividades extraclasse à medida que classifica este espaço como um momento de Formação Continuada para os Docentes. Nele, encontramos as seguintes perspectivas:

Ressalte-se o espaço das atividades extraclasse como momento de formação continuada do professor no próprio local de trabalho. Não é mais possível que os professores, como ocorre hoje na maior parte dos sistemas de ensino, tenham que ocupar seus finais de semana e feriados, pagando do próprio bolso, para participar de programas de formação de curtíssima duração, sem aprofundamento, que não se refletem em mais qualidade para seu trabalho, por conta da ausência de espaços em sua jornada de trabalho regular. (BRASIL, 2012, p. 27).

A Escola em que realizamos o estudo aqui apresentando, desde o ano de 2016, oferta e apoia a Hora-Atividade aos seus professores em todas as modalidades e etapas do

ensino. Com relação, especificadamente, ao grupo de professoras alfabetizadoras, o qual é foco neste estudo, na ocasião da pesquisa, elas realizam sua Hora-Atividade na escola, em uma sala específica para este objetivo. Durante um turno (4 horas), as docentes organizavam as atividades voltadas para planejamento, estudo e avaliação, com o apoio e a supervisão da Coordenadora Pedagógica. O grupo se reunia-se por anos/níveis e, durante a maior parte da pesquisa, organizadas em dois grupos, da seguinte maneira: professoras (2) dos primeiros anos juntas, durante 4 horas (um turno), no mesmo dia da semana (quintas-feiras), e as professoras (2) do segundo ano e do terceiro (2) ano se reuniram para realizar suas atividades extraclasse, durante 4 horas, em outro dia da semana (terças-feiras). Assim, a Escola vem construindo este espaço/tempo, que, conforme a diretora e a coordenadora relataram, é, constantemente, reconfigurado em sua composição, para poder se adaptar ao contexto e à realidade da escola no que tange aos seus recursos humanos.

LIMITES E POSSIBILIDADES FORMATIVAS NO ESPAÇO/TEMPO “HORA ATIVIDADE”

Analisando o contexto da Hora Atividade a partir das falas das docentes e das observações realizadas, pudemos compreender a importância da H. A. para estas professoras, quais as atividades desenvolvidas neste ambiente, o espaço/ tempo coletivo e reflexivo vivenciado por elas, qual a influência deste espaço na construção e (re)construção dos saberes e fazeres da prática docente, bem como as dimensões individuais e coletivas que permeiam suas identidades docentes, e, por fim, os aspectos limitadores atribuídos pelas docentes a este espaço.

Um primeiro aspecto a ser destacado sobre a Hora-Atividade diz respeito às atividades que as professoras realizam durante este tempo/espaço. São aquelas atividades que seriam bem mais difíceis de serem realizados se as docentes permanecessem as suas 20 horas semanais em sala de aula, realizando, somente, atividades de interação com os educandos. Esse tempo dedicado às atividades extraclasse é aproveitado por todas as docentes, conforme expresso no relato abaixo:

Gosto muito da hora-atividade, porque ela me permite fazer planejamento de atividades para trabalhar com meus alunos, me permite fazer pesquisa usando a biblioteca e a sala de informática, que se eu não tivesse a hora-atividade, dificilmente eu poderia usar esse espaço para esse planejamento. Claro que eu ainda continuo fazendo planejamento em casa, mas utilizo bastante aqui na escola. (...)Eu trago os cadernos dos meus alunos e trago

para a salinha da hora-atividade e faço correção. Imagina eu levando pra casa 24 cadernos! Não teria como. Também me permite fazer o atendimento aos pais, sempre que necessário, eu tenho esse horário para atender os pais. Me permite fazer estudos, fazer trocas com os colegas. Pra mim, a hora-atividade foi um ganho muito grande para os professores. (Professora L3)

Quem vivencia e acompanha a jornada diária de um professor sabe bem qual a importância e a contribuição que tem, na vida profissional do professor, um dia, um horário dedicado, exclusivamente, para realizar tais atividades. As atribuições e as atividades que envolvem o fazer docente extrapolam as vinte, quarenta ou até sessenta horas de trabalho possíveis de um professor, trabalhando os três turnos.

O ato de ser professor vai muito além de ministrar aulas. Sua atuação para ser desempenhada com mais qualidade passa por diversas atividades, que vão desde se qualificar permanentemente e cumprir tarefas que envolvem preparação de suas atividades em sala de aula e tempo e tranquilidade para avaliar corretamente a aprendizagem e o desenvolvimento de seus estudantes.

Pensar na contribuição da Lei que ampara as atividades extraclases durante a jornada de trabalho significa entender como fundamentais esses espaços de trabalho pedagógico coletivo, de interação do professor com seus pares e com os demais segmentos da comunidade escolar. Por isso, a defesa da Hora-Atividade está incluída na jornada de trabalho do professor, pois as atividades ali realizadas são inerentes à sua função como profissional da educação e delas depende a qualidade do processo de ensino aprendizagem dos estudantes.

Sobre o tipo de atividades extraclases desenvolvidas pelas professoras no espaço/tempo “Hora-Atividade”, é possível dizer que essas são bem diversificadas. Conforme os relatos das docentes e constatado nas observações, elas: corrigem caderno dos estudantes; realizam os planejamentos semanais; atendem aos pais que necessitam (por demanda da professora ou a pedido dos pais); organizam cadernos de chamada; pesquisam atividades (textos, jogos e materiais diversos para diversificarem os planejamentos) no seu computador, na biblioteca da escola ou na sala de informática; planejam avaliações; corrigem avaliações; conversam com a coordenadora, orientadora e diretora assuntos de ordem burocrática e/ou pedagógica e concomitante a todas estas atividades partilham suas experiências e saberes da prática.

As atividades são realizadas de acordo com a demanda e com o período em que se encontram no calendário letivo. Quando tem alguma data comemorativa significativa para

elas, se dedicam à confecção e ao planejamento de atividades dessa ordem; se estão perto das avaliações, a dedicação é no planejamento dessas; se estão ao final do trimestre, se dedicam na escrita e na organização dos pareceres dos estudantes, porém relatam que os pareceres preferem fazer em casa, já que estes exigem mais concentração delas.

Porém, foi percebido que as professoras não utilizam muito este espaço para estudar. Talvez, porque não haja este direcionamento por parte da coordenadora. Assim, priorizam as atividades de planejamento (bem como confeccionando e organizando as atividades que fazem parte do mesmo) que, segundo elas, são as que despendem mais tempo e energia.

Em relação à frequência de realização dessas atividades, elas colocaram que:

(...) não julgo mais importante, mas o planejamento de aula é coisa que demanda bastante tempo. É importante. Eu planejo detalhes, então, acho que é o que mais faço, porque tenho tempo para organizar. Eu imagino fazer uma atividade, então, divido tempo, organizo, acho que o planejamento funciona melhor na hora-atividade. Corrigir provas, atividades também, mas o planejamento na hora-atividade é o mais importante, é o que mais faço. (Professora A2).

Com as observações, foi possível perceber que, neste espaço, as professoras refletem sobre vários aspectos, principalmente, sobre as questões com foco na aprendizagem do estudante. Neste ambiente, elas conversam sobre as dificuldades dos alunos; trocam ideias com as colegas do seu ano e do ano anterior; partilham angústias, frustrações, experiências e materiais; planejam e alinham seus planejamentos; pesquisam atividades; planejam tentando seguir uma mesma programação para as turmas ficarem no mesmo nível de conteúdos e de habilidades trabalhadas, mas respeitando cada estudante/turma e suas peculiaridades; trocam ideias e formas de ensinar (metodologias diferenciadas); trocam e mostram para a colega as escritas de seus estudantes, buscando um apoio, uma opinião do seu par; conversam e trocam ideias de como contemplar todos os níveis num mesmo planejamento; conversam sobre os casos das famílias mais difíceis de se trabalhar. Enfim, o olhar, o pensar e o planejar das professoras estão sempre focados na aprendizagem dos seus estudantes, em como dar conta de toda essa heterogeneidade que encontram no Ciclo de Alfabetização. E o grupo, os pares, a troca, a partilha e as conversas no coletivo se tornam uma grande ferramenta de mobilização acerca dos seus saberes e dos fazeres cotidianos.

Além de expressarem a importância que tem a Hora-Atividade para o desempenho das várias atividades extraclasses que elas realizam, as docentes reconhecem que ter este espaço representa um ato de valorização para sua profissionalização enquanto trabalhadoras em educação.

Eu acho muito válido, porque quando eu entrei no município, há dez anos atrás, a gente não tinha esse espaço, então, a gente tinha que dar conta de corrigir trabalhos, corrigir cadernos, de planejar, tudo em casa e aí tu demandava de muito tempo com estas atividades e o planejamento era mais restrito, a gente não tinha tanta variedade, não conseguia fazer trocas com os colegas e eu acho de suma importância e espero que esse espaço continue. (Professora P1)

A mudança, nas rotinas escolares da escola e dos seus professores, trouxe qualidade e reconhecimento para este grupo de professoras. Dentro da ótica da valorização, outros atributos se manifestam, como a motivação, o empenho, o direito, o crescimento profissional individual e coletivo.

Ainda, este espaço/tempo imprime um significado afetivo, que abrange a dimensão coletiva da ação humana dessas docentes. As professoras evidenciam a importância do ambiente para as relações do/no grupo. Este aspecto foi considerado, de forma mais nítida, nas falas das colegas menos experientes no ciclo de alfabetização e que tem pouco tempo na escola. Fator que fez a diferença na socialização e pertencimento delas no grupo.

“(…) Na verdade, é um momento sim que o professor tem pra sair da sala de aula, que também é importante, que a gente também sobrecarrega, mas é o momento que a gente tem para fazer a partilha com os colegas, …” (Professora A2)

“(…) a gente não leva tanto trabalho para a casa, não fica sobrecarregado, não fica sofrendo, tendo aquelas dúvidas por muito tempo, porque a gente conversa com o outro e acha uma solução.” (Professora D3)

Sobre os relatos apresentados acima, fica evidente a pertinência das relações interpessoais que ocorrem no período destinado à Hora-Atividade. As relações que ali se estabelecem contribuem para o pertencimento das professoras na escola, bem como para o clima de coletividade e parceria entre elas. Na integração, na partilha, nas conversas, as professoras se reconhecem e se fortalecem.

“Partilhar”, “conversar” são palavras que volta e meia aparecem nas falas das professoras. Tentando entender um pouquinho do significado dessas palavras, buscamos

apoio nos estudos de Warschauer (2001), que trabalha com a ideia das “Rodas em Rede” como estratégias de formação coletiva, utilizadas dentro e fora da Escola. Warschauer utiliza muito as palavras “partilha” e “conversa” para significar seu trabalho.

Corroborando com esta ideia, Nóvoa (2009) enfatiza que a profissão de professor é muito desgastante e exigente, por isso defende que ela não pode ser vivida isoladamente. Defende que é fundamental falar dos problemas com os colegas, em diálogo aberto, num quadro de partilha e de colaboração mútua. Para ele, nada se consegue sozinho, então, os problemas educativos só podem ser resolvidos por meio de uma ação coletiva. O estudo desse autor vem subsidiar o processo vivido pelas professoras pesquisadas. Alicerçado nas palavras dele, fundamentamos o caminho percorrido pelas professoras, semanalmente, durante seus encontros na Hora-Atividade.

As estratégias e as peculiaridades de cada professor demarcam suas identidades, que são construídas na sua individualidade, mas reconfiguradas no coletivo, o que torna o ambiente da “Hora-Atividade um espaço coletivo de formação continuada”. Segundo as docentes, os momentos de Hora-Atividade são ricos de partilha, de troca de experiências e de parceria:

(...) uma das principais mudanças foi o planejar com a colega. Quando tu vem com uma ideia com um trabalho, aí tu pensa que não consegue atingir todos os alunos, aí quando senta com o colega tu abre o horizonte. (Professora P1)

E se hoje posso dizer que tive sucesso esse ano é porque muitas ideias eu tive por ver o que as colegas faziam e outras eu tinha e comentava e as colegas davam outras sugestões. Então, foi muito importante para o crescimento, tanto meu profissional quanto da turma. (Professora D3)

Os momentos de encontro na H.A. são valorizados por elas, pois, assim, conseguem tempo e espaço para partilhar e compartilhar seus saberes de experiência; percebem que, assim, conseguem mobilizar seus saberes e fazeres, mudando e impactando as suas práticas.

A troca de saberes e fazeres é algo constante nos encontros, principalmente, no que tange ao planejamento. Relatam seguir um planejamento coletivo, para que, assim, as turmas andem em um ritmo mais ou menos igual, porém respeitam as particularidades de cada criança, bem como de cada turma.

Outro aspecto que foi possível perceber, quando se trata do trabalho coletivo que se delineia neste espaço vivenciado pelas alfabetizadoras, é o grande papel que tem as professoras mais experientes do grupo frente às colegas menos experientes do grupo e

novatas na escola. Este fato se aproxima e fortalece uma das teses defendidas, atualmente, por Nóvoa (2009, p. 36). Para ele, “a formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens”. O autor, com esta ideia, traduz o que se evidencia nas falas das docentes. Assim, as professoras P1, D2 e L3 são o que chama Nóvoa (2009) de Professores formadores de professores, em que estes ajudam as professoras A1, A2 e D3 a se formarem a partir da formação em situação, da análise da prática e da integração na cultura profissional docente.

Todas compreendem que sua identidade individual é atravessada e reconfigurada a partir da identidade do outro. Conforme suas falas, é possível notar a clareza das docentes quanto à construção da sua identidade permeada de saberes e fazeres advindos dos momentos e da contribuição do espaço da Hora-Atividade. Elas entendem que:

Tudo o que fui mudando, reconstruindo, muita coisa foi fruto dessa interação minha com as outras professoras, e com as atividades que elas aplicavam. Então, isso contribuiu bastante sim para a minha identidade. Não que eu não tivesse uma, mas a pessoa tem que mudar, tem que estar aberta a novos conhecimentos, novas atitudes. (Professora A1)

Contudo, os relatos das professoras bem como os registros realizados no diário de campo nas observações fazem crer que os saberes e fazeres das professoras são interpelados, a todo momento, pelas trocas estabelecidas neste espaço da “Hora-Atividade”. Nos relatos, elas colocam como conseguem alcançar a reflexão da sua prática. Segundo elas, no exercício constante de sentar, analisar, conversar, trocar, tirar as dúvidas e pedir opiniões dos colegas, conseguem perceber o crescimento tanto individual quanto do grupo, o que acaba refletindo nas práticas diárias das suas salas de aulas. Algumas professoras conseguiram expressar esse fato:

(...) sim, eu consigo alcançar mais a minha prática. Eu consigo sentar, analisar aquelas dificuldades que eu encontro no meu dia a dia, eu consigo sanar aquelas angústias, conversando com o colega ou indo na orientadora, conversando com a supervisora, com a professora da sala de recursos, (...) aí eu vou conseguindo reformular, repensar e acho que é muito válido pra isso. Acho que aumentou, não só comigo, mas com as outras colegas, percebo que a gente teve um crescimento maior que reflete na nossa sala de aula. (Professora P1)

(...) eu consigo manter a correção mais em dia e permite eu fazer um retorno daquilo que tô trabalhando: eles estão conseguindo fazer? Não estou conseguindo? O que tenho que refazer, o que tenho que mudar? (Professora L3)

Na pesquisa, a maioria das professoras se mostrou contente com a oferta realizada pela escola, bem como com atividades e com a maneira que são conduzidas as atividades neste espaço/tempo. Expressaram, até mesmo, o fato de outras escolas não realizarem a Hora-Atividade, entendendo-se como privilegiadas.

Porém, outra parte das docentes, mesmo reconhecendo a iniciativa da escola em se empenhar para oferecer o espaço, sinalizam o que, no ponto de vista delas, pode melhorar. A professora P1, em seu relato, manifesta o desejo de realizar cursos fora da escola durante este tempo, sugerindo que este fosse a cada quinze dias. Para ela, a Hora-Atividade, ocorrendo toda a semana dentro da escola, acaba limitando este tempo somente em planejar. Evidencia que, embora os espaços coletivos de partilha realizados dentro da escola sejam mobilizadores de seus saberes, entende que esses precisam ser confrontados com “novas coisas”, “novas técnicas” para conseguir aprimorar os conhecimentos que elas já possuem.

As “aflições” colocadas pelas professoras A1 e D3 se referem às condições de trabalho; elas reivindicam melhores acomodações que deem qualidade de vida a elas durante o período que ali estão; sucessivamente, a melhora na qualidade de vida gerará melhor qualidade e eficiência em seus trabalhos.

As duas perspectivas das “queixas” apontadas pelas professoras são pertinentes, uma vez que esse espaço/tempo está em construção na Escola investigada (que tinha, no momento, seu segundo ano de oferta para professores) e, também, vem sendo implementado, gradativamente, por outras escolas da Rede Municipal.

O fato é que, ainda, há muito para se avançar e qualificar nos projetos de “Hora-Atividade” nas escolas. A construção e planejamento desses tempos e espaços precisam ser debatidos e pensados com o coletivo escolar, para, assim, avançarmos na oferta de alternativas de formação continuada dentro da escola, que sejam realmente significativas, que contribuam de forma eficiente na valorização e no desenvolvimento profissional docente e, concomitantemente, na qualidade do ensino e aprendizagem dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou ampliar conhecimentos acerca da Hora Atividade, bem como dos processos de formação continuada na escola e perceber como estes se apresentam

na perspectiva atual. Entender os processos de formação continuada como parte constituinte do “ser professor” é primordial nos dias de hoje.

Sabe-se que a formação continuada do professor tem como ambiente constante a escola, pois este é o espaço da sua atuação diária. É neste contexto que ele se faz e se refaz como docente. É preciso compreender que a formação docente só se dá com base na reflexão constante e na resolução de dilemas reais relacionadas à prática docente. Exige trabalho intenso e planejado de todos os atores engajados no contexto da escola.

Sobre a Escola na qual se inseriu a pesquisa, pode-se dizer que esta tem uma identidade bem consolidada; é uma escola bem organizada, regrada e com limites bem pontuados, conforme as observações realizadas e as rotinas vivenciadas pelas professoras. Estas características são muito fortes e interferem, diretamente, na postura, nas práticas e nas ações da comunidade escolar.

O espaço/tempo dedicado à Hora-Atividade, na Escola, é aproveitado pelas professoras. A este espaço, elas atribuem uma grande importância para o seu fazer cotidiano, percebendo-o como um lugar de luta e de conquista da categoria. O grupo de alfabetizadoras reconhece que, a partir deste, é possível realizar atividades primordiais que colaboram, de forma direta, para o desenvolvimento pessoal e profissional delas enquanto docentes. Assim, o ambiente dividido pelas professoras na Hora-Atividade se configura a partir de suas falas, gestos e ações, em um lugar legítimo de “formação continuada dentro da e para a escola”.

Por último, é preciso destacar, dentro das atividades realizadas pelas professoras na H.A., que faltaram atividades realmente formativas de estudo, de embasamento teórico nos encontros observados. O estudo é um dos eixos previstos em legislação, o qual deve ser realizado durante este tempo/espaço, porém não era organizado pensando nesta atividade pela coordenadora da Escola, que também não participava, presencialmente, dos encontros. Assim, é possível, mais uma vez, perceber o quanto estamos distantes do ideal de H.A., o qual contemple todas as necessidades e expectativas dos docentes em prática nas classes de alfabetização.

Concluimos este artigo refletindo sobre o quanto estamos aquém de onde deveríamos estar. Caminhamos a passos lentos nas políticas públicas que amparam a formação dos nossos professores no Brasil. Diante disso, há muito, ainda, para se avançar e qualificar nos projetos de “Hora-Atividade” que surgem nas escolas, debatendo a construção e o planejamento desses tempos e espaços com o coletivo escolar, para, assim,

avancarmos na oferta de alternativas de formação continuada que sejam, realmente, significativas, que contribuam de forma eficiente na valorização e no desenvolvimento profissional docente e, concomitantemente, na qualidade do ensino e aprendizagem dos estudantes. Ainda, é necessário ampliar os recursos humanos para que estes atendam às demandas das salas de aulas, amparando os professores que se encontram em suas atividades extraclases. Esses são pontos iniciais que sinalizam “a ponta do iceberg”, o longo e maduro caminho que ainda teremos que percorrer para, realmente, alcançar o que se espera da Formação Continuada dos nossos professores.

REFERENCIAIS

BRASIL. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional.** Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 de junho de 2020.

_____. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. **Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111738.htm Acesso em: 18 de junho de 2020.

_____. Parecer CNE/CEB nº:18/2012. **Reexame do Parecer CNE/CEB nº 9/2012, que trata da implantação da Lei nº 11.738/2008, que institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11795-pceb018-12&Itemid=30192 Acesso em: 18 de junho de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores,**1992.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela.** São Paulo, Paz e Terra, 2001.